

O socialismo francês em 1900: o grande debate entre Jean Jaurès e Jules Guesde

APRESENTAÇÃO

JOÃO QUARTIM DE MORAES *

O socialismo francês, que só alguns anos depois, em 1905, unir-se-ia para formar a Section Française de l'Internationale Ouvrière (SFIO), organizou, na auro-ra do século XX, um debate em que se confrontaram seus dois principais dirigentes: Jean Jaurès e Jules Guesde. Apresentando o texto integral do debate em suplemento especial de *L'Humanité Hebdo* (novembro 2005)¹, o historiador Jean-Louis Robert recorre ao poeta Louis Aragon para expressar quão carregado de esperanças foi o início do século passado: “logo, por um passe de magia, tudo iria mudar, cada qual veria terminar seus males e a vida nova emergiria, maravilhosa [...]”. Esse voo utópico foi muito curto. Desde o início dos anos 1910, a guerra foi sendo anunciada por sintomas inconfundíveis: carreira armamentista, aumento da duração do serviço militar, proliferação do nacionalismo xenófobo etc. França e Grã-Bretanha, de um lado, “impérios centrais” de outro, preparavam-se para decidir pela força quem ficaria com o melhor e maior quinhão do mercado mundial e do botim colonial.

Na França de 1900, teatro do grande debate entre Jaurès e Guesde, eram as seguintes, segundo Robert, as principais formações socialistas:

1- Os seguidores de Jules Guesde e de Paul Lafargue, genro de Marx, sustentavam a prioridade do combate pela tomada do poder político. Estavam organizados no Partido operário francês (POF), eleitoralmente modesto,

* Professor do Departamento de Filosofia da Unicamp.

¹ Debate traduzido na íntegra a seguir.

mas bem articulado. Guesde foi o principal introdutor do marxismo no movimento operário francês.

2- Em torno de Édouard Vaillant articulavam-se os militantes de tradição blanquista. Além do Partido socialista revolucionário (PSR), inclui-se nessa tendência a pequena Aliança comunista (AC).

3- A Federação dos trabalhadores socialistas (FTS), corrente moderada que se inspirava no trabalhismo inglês, privilegiando a luta econômica.

4- O Partido operário socialista revolucionário (POSR), pequeno, mas de forte composição proletária. Originou-se de uma cisão de esquerda da FTS. Do federalismo, manteve o apego à descentralização orgânica.

5- Os socialistas independentes, organizados em federações instáveis, mas reconhecendo todas Jean Jaurès como seu principal dirigente. Privilegiavam a luta eleitoral. Jaurès buscava uma síntese entre marxismo e progressismo republicano, mas outros nomes ilustres dessa corrente, nomeadamente Millerand e Briand, não chegavam a tanto.

O debate público entre Jaurès e Guesde inscreve-se no contexto de um longo e difícil esforço unitário que as diversas correntes socialistas vinham empreendendo desde 1896. Ambos entendiam que o objetivo final era a transformação radical da sociedade pela apropriação coletiva dos meios de produção e de troca. Divergiam, entretanto quanto a questões táticas de grande importância. No combate político, a relação entre tática e programa máximo, entre meios e fins, é dialética no mais forte sentido do termo: os critérios que presidem à adoção de uma posição concreta numa situação concreta repercutem sobre a concepção geral do combate socialista. Táticas diferentes, cedo ou tarde, acabam concretizando linhas e programas políticos diferentes.

O “affaire Dreyfus” cindiu a França entre o clérigo-militarismo e o espírito republicano. A criminoso farsa judiciária montada pelo alto comando militar indignou todos os espíritos esclarecidos, progressistas e humanistas do povo francês. Guesde, evidentemente, partilhava dessa indignação. Mas sempre suspeitando de tudo que desviasse o movimento operário do combate de classe, achava que o POSR não devia mobilizar-se na defesa do “burguês” Dreyfus. Jaurès, ao contrário, considerava dever dos socialistas defender o oficial condenado ao degredo por ser judeu, barrando assim o caminho do obscurantismo reacionário. Lutar por Dreyfus, nota Robert, era, para Jaurès, “manifestar a força da classe operária e de seu partido, demonstrar sua capacidade de animar e dirigir o país”.

Essa discrepância remetia a um desacordo profundo sobre a linha geral da tática socialista (entre “os dois métodos”, como se dizia então), notadamente na sempre espinhosa questão das alianças. Guesde condenava a participação minoritária dos socialistas em governos burgueses. Jaurès, consciente dos riscos que essa participação comportava, defendia-a, entretanto, sempre que fosse necessário fazer frente a graves ameaças contra as instituições republicanas ou que ela favorecesse a adoção de medidas de interesse dos trabalhadores.

O destino dos dois grandes dirigentes do socialismo francês selou-se numa trágica ironia. Jaurès, que não se opunha por princípio a alianças com partidos burgueses de espírito republicano, tornou-se, quando se acumulavam no horizonte as ameaças de uma grande guerra inter-imperialista, o mais vibrante defensor da paz, mobilizando seu indomável talento oratório para preconizar apaixonadamente a fraternidade dos povos e denunciar os círculos belicistas a serviço dos grandes industriais e de outros mercadores da morte. No dia 31 de julho de 1914, no momento em que se deflagrava o dilúvio de chumbo e fogo que iria afogar a “civilização” européia numa orgia de sangue e de destruição, um “patriota” histérico, intoxicado por tenaz campanha em que os militaristas acusavam Jaurès de ser um agente do inimigo, assassinou-o covardemente.

De seu lado, Guesde, que em nome da pureza revolucionária se opunha a qualquer colaboração com governos burgueses, aceitou participar, junto com outros “social-patriotas”, do governo dito de “União Sagrada” que dirigiu a França beligerante durante a horrível carnificina de 1914-1918.

MORAES, João Quartim de. Apresentação: O socialismo francês em 1900: o grande debate entre Jean Jaurès e Jules Guesde. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.24, 2007, p.139-141.

Palavras-chave: Socialismo francês; Jean Jaurès; Jules Guesde.